
Mundos sociais na tribo do jornal Lira Paulistana (1981-1982): indicação sobre o grupo de jornalistas e produtores de um marco da imprensa alternativa paulista¹

Ana Luiza Bertelli DIMBARRE²
Rafael SCHOENHERR³

RESUMO

Este percurso parcial de investigação de iniciação científica visa identificar o perfil do grupo principal responsável pela produção do tabloide alternativo e independente, Lira Paulistana (1981-1982), criado dentro do Centro Cultural Lira Paulistana (1979-1986), referência da vanguarda paulista da época. O objetivo é sondar a análise da equipe de produção do periódico como uma entrada possível na cultura jornalística daquele contexto. Ao longo dos quatro meses de circulação do tabloide, 82 nomes de expressão cultural e jornalística marcaram presença, sendo que um subgrupo de 22 pessoas atuou em todas as 12 edições do Lira. A presente análise revela marcas de pertencimento dessa equipe ao espaço jornalístico e suas ligações com cenários artístico-culturais e demais mundos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura jornalística. Jornalistas. Jornal Lira Paulistana. Imprensa alternativa. Vanguarda Paulista.

O jornal alternativo e independente Lira Paulistana foi criado em outubro de 1981 e circulou até fevereiro de 1982, na cidade de São Paulo. Ao longo desses quatro meses, 12 edições foram publicadas e contemplam desde a iniciativa experimental até a décima primeira. O tabloide, produzido junto ao Centro Cultural Lira Paulistana (1979-1986), marco artístico-cultural da época, logo de início buscou trazer um roteiro diversificado da programação cultural da capital.

Chegando a 24 páginas por edição, o semanário buscava enxergar São Paulo com outros olhos e englobava as diferenças e igualdades existentes, pautando a cultura de forma diferente do que os jornais da grande imprensa reportavam. Uma das características do tabloide era o humor e a ironia presentes em suas produções. Devido à dificuldade financeira para conseguir manter o jornal, o Lira Paulistana não resiste após

¹Trabalho apresentado no II01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Graduanda em Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Bolsista de iniciação científica PIBIC/Fundação Araucária no grupo de pesquisa Lógicas de Produção e Consumo do Jornalismo no curso de Jornalismo da UEPG. aluludim@gmail.com.

³Orientador do trabalho. Doutor em Geografia (UEPG). Professor do Departamento de Jornalismo e do Mestrado em Jornalismo da UEPG. rafaelschoenherr@gmail.com.

as 12 edições. Até a décima edição, era cobrado o valor de 50 cruzeiros⁴ por exemplar. As duas últimas passaram a custar 70 cruzeiros. O próprio jornal brincava na primeira página: ‘a barra está pesada’.

As pesquisas voltadas ao Centro Cultural estão ligadas aos aspectos musicais, culturais e fonográficos, e pouco avançaram no estudo do jornal, que quase nem é mencionado. A partir da digitalização das doze edições do tabloide Lira Paulistana no primeiro semestre de 2020 pelo Museu Campos Gerais⁵ (MCG), da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), seguida da disponibilização no repositório Memórias Digitais⁶, foi possível iniciar um estudo que caracterize e levante as contribuições dessa produção jornalística independente e do grupo que ali atuou para o jornalismo brasileiro.

O presente artigo, parte de uma pesquisa de iniciação científica em curso, mobiliza o olhar para uma categoria pouco explorada de forma sistemática dentre os componentes da chamada clivagem organizacional do jornalismo, que é justamente a equipe produtora, ou o time de colaboradores que um jornal é capaz de articular. Tem-se como pista de que estaria aí, nessa combinação de trajetórias ao longo de poucas e marcantes edições e na interface do jornalismo com subcampos culturais, um dos ingredientes principais da cultura jornalística do período.

Nativos da ‘tribo’ do Jornal Lira Paulistana (1981-1982)

A circulação do jornal Lira Paulistana, entre outubro de 1981 e fevereiro de 1982, resulta da passagem pelo periódico de 82 nomes de profissionais e colaboradores relacionados ao jornalismo e à produção artística e cultural de São Paulo. Em todas as 12 edições, desde a experimental até a décima primeira, um subgrupo fixo de 22 pessoas atuou na produção do jornal, seguindo as funções que lhes cabiam em cada semanário.

⁴Hoje, 50 cruzeiros equivaleriam a R\$ 8,00. De acordo com reportagem acessada no acervo online do jornal ‘O Estado de São Paulo’ a respeito do show da banda inglesa Queen em março de 1981 no estádio do Morumbi-SP, os ingressos custavam de 250 a 1.500 cruzeiros. Segundo a ferramenta de conversão de valores do próprio jornal, hoje os preços estariam entre 42 a 250 reais. Disponível em: <<https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,queen-no-brasil-em-1981-relembre-como-foram-os-shows-do-grupo-no-morumbi,70003654049,0.htm>>

⁵A história do museu remete aos anos de 1940, quando um grupo de intelectuais forma o Centro Cultural Euclides da Cunha. Em 1950, surge a proposta de um museu, cujo acervo é, a seguir, incorporado pela Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Ponta Grossa. Em 1969, com a criação da Universidade Estadual de Ponta Grossa, peças e documentos passam a fazer parte de acervos junto a distintos cursos da instituição. Apenas em 1983, o espaço recebe o nome de ‘Museu Campos Gerais’ e passa a ter uma sede própria, específica para tal finalidade.

⁶Disponível em: <<http://memoriasdigitais.museu.uepg.br/>>

Este segmento menor e permanente da ‘tribo’ ou da equipe regular do Lira leva o nome, para efeitos de análise nesta pesquisa, de ‘participantes fixos’, justamente por estarem desde o início até o término do tabloide e sustentarem, assim, um vínculo de regularidade nas contribuições à publicação. Dentro da ideia de “tribo jornalística” de Traquina (2005), seriam os nativos, por assim dizer. Isso pode servir de parâmetro para aprimorar a compreensão da esfera ou mediação organizacional do jornalismo, conforme perspectiva das teorias do jornalismo (TRAQUINA, 2013; MEDITSCH, 2007; PENA, 2006).

Essa indicação parte da premissa de que, em tais publicações jornalísticas ditas independentes ou alternativas, a formação do grupo ou da equipe seria um lugar digno de atenção nas análises pela relação com a própria identidade do jornal - tal como em Braga (1991, 2000), Oliveira (2009), Travancas (1993) e Kucinski (1991).

Os outros núcleos complementares dividem-se em: ‘participantes regulares’, um total de 31 autores que participaram de no mínimo quatro edições (um terço dos 12 tabloides), mas não estão presentes em todas as 12; e, por fim, ‘participantes esporádicos’, subgrupo que apresenta um total de 29 pessoas, que fazem parte do Lira Paulistana em no máximo duas edições.

Destaca-se que esse levantamento foi realizado junto ao expediente do tabloide, na página 2, que informa os nomes dos autores do jornal e as respectivas funções desempenhadas naquela edição. Esta, aliás, já é uma das marcas organizacionais do jornal, o fato de adotar tal padrão, nem sempre comum ao universo dos nanicos⁷, por exemplo. Percebe-se que alguns nomes mais duradouros flutuam entre distintas funções ao longo dos 12 números da publicação. Outros colaboradores ocupam uma única função em mais de uma edição do Lira Paulistana.

Metodologia: o levantamento da turma

Para realizar o levantamento, foi utilizada uma tabela no Excel sistematizada por meio de fileiras ou linhas, com todos os nomes que aparecem no expediente das 12 edições, e de colunas, com o número da edição dos tabloides em que esses nomes

⁷“A palavra nanica, inspirada no formato tablóide adotado pela maioria dos jornais alternativos, foi disseminada principalmente por publicitários, num curto período em que eles se deixaram cativar por esses jornais. Enfatizava uma pequenez atribuída pelo sistema a partir de sua escala de valores e não dos valores intrínsecos à imprensa alternativa” (KUCINSKI, 1991, p. 5).

participaram, além de suas respectivas funções em cada edição do jornal. Com isso, foi possível identificar e dividir os nomes em três núcleos, de acordo com a frequência de participação na produção do Lira Paulistana. Além disso, visando uma percepção mais rápida de cada grupo, foram utilizadas três cores distintas para verificar cada núcleo do jornal, deixando claro a qual grupo aquele indivíduo corresponde, sempre tentando separar e priorizar o grupo permanente ou articulador, por assim dizer, da publicação.

A partir da identificação do grupo principal do jornal, a pesquisa passou a levantar informações na web, de modo exploratório, sobre a trajetória profissional das 22 pessoas listadas, com atenção para dois aspectos: o pertencimento ao mundo social do jornalismo (experiência em organizações jornalísticas, participação em outros jornais alternativos) e a interface para com outros mundos sociais afins, como o político, o universitário e o artístico-cultural – operação baseada na discussão de Pereira (2009), onde um mundo social é marcado por um grupo de pessoas que estão conectadas a uma mesma atividade e por convenções que venham a decidir os termos colaborativos. Com isso, ainda segundo o autor, além das interações entre o próprio mundo social, as convenções estão totalmente ligadas ao processo de produção de um veículo, como sua periodicidade e técnicas jornalísticas. Essas categorias foram extraídas, provisoriamente, a partir de uma primeira busca de informações sobre cinco dos nomes pertencentes ao subgrupo fixo.

Toma-se, por hipótese, que as experiências de tais profissionais no período final de certo modelo da imprensa alternativa identificado por Kucinski (1991), com a criação de um tabloide em São Paulo ancorado na ideia de roteiro cultural, contribuíram em trabalhos e caminhos posteriores na vida profissional de tais produtores. Outra questão é que, devido à falta de recursos financeiros no jornal, não se tinha uma redação assalariada e todo o trabalho era voluntário, ou seja, ninguém tirava o sustento exclusivamente do tabloide. Com isso, também buscou-se saber em quais outros locais ou espaços sociais o mesmo grupo atuava enquanto produzia o Lira.

Dado o caráter relacional do conceito de identidade (HALL, 2015), é possível analisar a identidade do grupo fixo do Lira Paulistana tanto no seu perfil interno (funções, diversidade, filiação ao Centro Cultural Lira Paulistana) quanto na sua relação para com outros mundos sociais para além do jornal ou demais experiências jornalísticas imediatamente anteriores, posteriores ou simultâneas ao periódico em foco.

O expediente do Lira

Dentre as funções que o jornal atribui à redação e explicita no espaço do expediente na página 2 a cada edição estão: editor-chefe, editores (serviços; discos; bares; cinema; agitos e altos papos; teatro; leitura; criança; TV; exposições; esportes; músicas; bailes; danças; passeios; rádio; comida; etc. e tal; feiras e transas), secretário de redação, administração, publicidade, fotografia, circulação, arte e os colaboradores. Ou seja, de acordo com informações do organograma, chega-se a um total de 9 funções envolvidas em sua hierarquia organizacional de redação, sendo que foram encontradas 20 subdivisões dentro da função de edição.

Os editores, em sua maioria, apresentavam conhecimento relacionado às áreas objeto de suas seções, pistas que podem ser percebidas na formação ou trabalhos anteriores na trajetória. A partir do levantamento feito dos 22 nomes, percebe-se que alguns daqueles participantes fixos, intitulados editores, tinham ligações diretas com o campo artístico-cultural, atuando como críticos cinematográficos e musicais ou como produtores teatrais, mesmo sem formação jornalística.

Com o estudo dos 22 nomes, percebe-se também que a parte administrativa, gráfica e publicitária do jornal é pouco presente no grupo que atua em todas as 12 edições do Lira Paulistana. Apenas dois indivíduos são responsáveis por esses cargos. As funções que mais aparecem no núcleo de participantes fixos do tabloide, contando que ao longo das edições há a mudança de funções entre os participantes e que alguns apresentam mais de uma responsabilidade no jornal, são os editores, com 13 pessoas, e os colaboradores com sete, seguidos pelos fotógrafos e publicitários, onde há duas pessoas em cada área, e administrador, com apenas um integrante.

No teatro Lira Paulistana e no jornal

Desses 22 nomes, 5 fazem parte do núcleo de idealizadores e responsáveis pelo Centro Cultural Lira Paulistana, sendo eles Fernando Alexandre (editor-chefe), Wilson Souto Jr (publicidade e administração), José Ribamar de Castro (colaborador), Chico Pardal (colaborador) e Plínio Chaves (colaborador). Cabe detalhar a partir daqui suas filiações:

Fernando Alexandre⁸ é natural de Maceió e tem formação em Jornalismo pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Seus caminhos o levaram a passar por Curitiba, Florianópolis e Maceió. Trabalhou em veículos como O Estado do Paraná, onde atuou como editor da seção Internacional. No Indústria e Comércio foi editor-chefe, já no Shop News colaborou como editor de turismo. Passou ainda pela sucursal da Veja, pelo jornal O Estado, em Santa Catarina, entre outros. Fernando, também conhecido como ‘Fernandão’, trabalhava no jornal de bairro Gazeta de Pinheiros, em São Paulo, quando conheceu a equipe do Lira Paulistana e foi integrar o grupo de sócios fundadores do Centro Cultural.

Quando o jornalista vai para o Lira, já havia a pretensão de criar um jornal e roteiro cultural de São Paulo. Após sair do Lira, volta para Curitiba e organiza, em 1985, a Semana de Arte e Erotismo. Tempos depois, retorna a Florianópolis novamente, publica no ano de 1994 o ‘Dicionário da ilha: falar e falares da ilha de Santa Catarina’ e estabiliza sua vida ali mesmo. No dia 7 de abril de 2021, Fernandão veio a falecer aos 71 anos.

Wilson Souto Jr⁹ é formado em engenharia na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) e seu interesse pela música surgiu a partir de uma apresentação do grupo Secos & Molhados, no Museu de Arte de São Paulo (MASP). Antes de ser um dos sócios fundadores do Centro Cultural Lira Paulistana, Wilson já trabalhava como músico. Participou da orquestra Gota D’Água¹⁰ e atuou como vocal para o compositor Tom Zé (que, por sua vez, está entre os colaboradores do tabloide). Enquanto produtor do jornal e do teatro, Wilson foi contratado pela Gravadora Continental para trabalhar como diretor artístico, empresa que posteriormente passou a se chamar Chantecler. Foi também diretor presidente da Warner Music do Brasil. A seguir torna-se diretor presidente da Atração Fonográfica e vice-presidente da Associação Brasileira da Música Independente (ABMI).

José Ribamar de Castro¹¹ trabalhava meio período no Curso Anglo Vestibulares, em São Paulo, antes de entrar para o grupo de sócio-fundadores do Centro Cultural. Após o Lira Paulistana, criou o Pirata Estúdio Arte, onde atuou como desenhista gráfico e

⁸Disponível em: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/a-historia-de-fernando-alexandre-o-cara-por-tras-do-jornal-do-historico-teatro-lira-paulistana>>

⁹Disponível em: <<https://abmi.com.br/quem-somos/>> <<http://sites.funarte.gov.br/vozessp/entrevistas-2/artistas-que-estao-na-memoria-da-funarte-sp/wilson-souto/>>

¹⁰Na época, Wilson integrava o grupo musical de amigos chamado ‘Grupo Macuco’. Esse grupo foi tocar na orquestra Gota d’água, que era do dramaturgo Paulo Pontes e do músico Chico Buarque de Holanda.

¹¹Disponível em: <<http://www.vanguardapaulista.com.br/o-filme/#diretor>>

produtor cultural. Em 1991, realizou seu primeiro curta-metragem. Com a criação da sua própria marca, a Piratacreative, produz outros curtas. Entre os anos de 2004 e 2008, foi assistente de realização no canal de televisão TV-5, em Madrid, na Espanha e em 2012, produz seu primeiro longa-metragem, intitulado como “Lira Paulistana e a Vanguarda Paulista”. Dois anos depois, lança o livro “Lira Paulistana: Um delírio de porão”.

Os dois últimos nomes do séquito articulador, tanto do Centro Cultural quanto do jornal Lira Paulistana, pertencem ao universo teatral. Chico Pardal é formado em Filosofia na USP e trabalhava como iluminador em peças teatrais, até integrar a equipe de sócios-fundadores do Lira Paulistana e também ser responsável pela iluminação do local. Plínio Chaves¹² era Engenheiro Químico formado pela USP, e, por sua vez, era produtor teatral e atuou como iluminador de 'Biedermann e os Incendiários' em 1983, 'Lusíadas or not Lusíadas' em 1987, e em 'Macbeth', um ano depois. Plínio Chaves já é falecido.

O restante da tribo

Para além desse subgrupo, somam-se outros 17 profissionais no grupo de nativos da equipe fixa do tabloide alternativo. Cabe indicar também marcas de suas trajetórias que ajudem no reconhecimento de filiações e contatos entre mundos sociais. Anna Mantovani¹³ (editora de exposições) apresenta o texto ‘Cenografia teatral em São Paulo: entre a tradição e o novo’ como dissertação de mestrado em teatro pela ECA USP, em 1987. No teatro, atua como assistente de produção, tradutora e iluminadora, como é o caso dos espetáculos ‘O Grande Amor de Nossas Vidas’, de 1978, onde atuou como iluminadora e ‘A Poltrona Escura’, de 2003, na qual foi tradutora.

Apoenam Rodrigues¹⁴ (editor de serviços, danças e passeios) tem formação em cinema pela FAAP e em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero. Apoenam trabalhou como repórter e crítico musical do Jornal do Brasil e da revista IstoÉ, onde era editor da seção de cultura. Também atuou como crítico musical da Revista Playboy e como repórter fotográfico do Jornal da Semana. Em 2006, publicou o

¹²Peças nas quais Plínio Chaves participou disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/113700/ISBN9788539302062.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

¹³Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa491860/anna-mantovani>
<http://www2.eca.usp.br/bctb/obra.php?cod=17424>

¹⁴Disponível em: <https://aplauso.imprensaoficial.com.br/sobre-o-autor.php?iEdicaoID=308>
<https://www.zebeto.com.br/2021/01/25/apoenan-rodrigues-adeus/#.YONz4-hKjIV>

livro ‘Tatuagem - Dor, Prazer, Moda e Muita Vaidade’ e quatro anos depois, publicou na Coleção Aplauso Perfil ‘Jece Valadão: também somos irmãos’. O jornalista faleceu no dia 5 de junho de 2021.

Cláudia Celidônio¹⁵ (fotografia) é autora de retratos fotográficos do músico Arrigo Barnabé, sendo que alguns desses registros compõem o livro do londrinense, “Fim da Infância”. A fotógrafa também assina imagens do disco Tubarões Voadores (1984), de Arrigo. Na década de 1990, Cláudia administra uma loja de equipamentos musicais em Jundiá (SP).

Eldécio Mostaço¹⁶ (editor de teatro) é formado em direção teatral e crítica pela ECA/USP, e nos anos de 1980 e 1987 foi membro do Centro de Estudos da Arte Contemporânea da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Escreve para a Veja e IstoÉ em anos seguintes, e durante 8 anos (1981-1989) é crítico da Folha de São Paulo. Em 1982, Eldécio publica ‘Teatro e Política: Arena, Oficina e Opinião’ e no mesmo ano, começa a lecionar literatura dramática, teatro brasileiro e estética teatral no Teatro-Escola Macunaíma. No ano de 1986 lança ‘Política Cultural’, em 1988 participa como dramaturgista da montagem da peça ‘Vestido de Noiva’ e entre 1987 e 1989, preside a Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA).

Fanny Abramovich¹⁷ (editor crianças) é formada em pedagogia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP) e com passagem pelo Teatro Escola em São Paulo (Tesp), Fanny é a fundadora do Centro de Educação e Arte (CEA), que ficou ativo durante oito anos. Em 1977, começa a escrever para o Jornal da Tarde e demais veículos sobre educação infantil. No ano de 1980, apresenta quadros sobre literatura e didática infantil no programa TV Mulher, da Globo. Três anos após, seu primeiro livro é publicado, intitulado ‘O Estranho Mundo que se Mostra às Crianças’ e em 1986, estreia na literatura infantil e juvenil com ‘Deixa Isso pra Lá e Vamos Brincar’. Fanny Abramovich faleceu em 27 de novembro de 2017.

Gabriel Priolli Neto¹⁸ (editor de TV e colaborador) é formado em Jornalismo pela ECA/USP e seu primeiro trabalho foi na área da publicidade. Atuou como crítico, colunista, repórter e editor nas editorias de cultura e entretenimento em veículos como

¹⁵Disponível em: <<https://zemaribeiro.wordpress.com/2020/01/17/no-fim-da-infancia-no-curso-da-musica-vida/>>

¹⁶Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa380/edecio-mostaco>>

¹⁷Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa5768/fanny-abramovich>>

¹⁸Disponível em: <<https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/gabriel-priolli/>>

Folha de São Paulo, O Estado de S.Paulo, Veja, Época, entre outros. Em 1975, iniciou seus trabalhos como repórter da TV Cultura em São Paulo e em 2001 dirigiu o programa Vitrine, da mesma emissora, onde também apresentou Opinião Brasil. Foi editor de geral do Jornal Nacional na TV Globo, diretor na TV Bandeirantes, editor-chefe na TV Record e diretor executivo na TV Gazeta. No ano de 1985 publicou ‘Televisão & Vídeo Brasil: os Anos de Autoritarismo’, em 1991, ‘O Campeão de Audiência’ e, em 2000, ‘A Deusa Ferida’.

Inimá Simões¹⁹ (editor de bares e cinemas) é mestre em cinema pela USP e também atua como pesquisador cultural. O jornalista, além de trabalhar em alguns veículos como rádio, tv e revistas, é autor dos livros ‘O imaginário da boca’, ‘As salas de cinema em São Paulo’, ‘Roberto Santos: o poeta do cinema’, ‘Roberto Santos: a hora e a vez de um cineasta’ e ‘Roteiro da intolerância: a censura cinematográfica no Brasil’. Seu irmão, Iroã Simões (fotografia), que também compõe a equipe do Lira, atua como jornalista na Câmara dos Deputados, na TV Câmara.

Jairo Ferreira²⁰ (colaborador e editor de cinema), ao tornar-se coordenador de um cineclube ligado à Igreja Católica, com apenas 19 anos, se insere na crítica cinematográfica, escrevendo a coluna de cinema do jornal São Paulo Shimbun, veículo da colônia japonesa de SP. Além de participar da realização de alguns filmes, Jairo em 1970 foi co-roteirista de ‘Pornógrafo’ e ‘Corrida em busca do amor’, em 1972, quando também assumiu o posto de assistente de direção. Entre 1976 e 1980 atuou como crítico na Folha de São Paulo, realizando matérias e entrevistas a respeito do cinema nacional. Durante os anos de 1988 e 1990, trabalhou no Estado de S.Paulo nas seções de Filmes, Culturas e Arte. Em 1986, publica o texto ‘O cinema no Brasil’. Jairo Ferreira faleceu em 2003.

José Antônio Silva²¹ (editor de música/discos) trabalhou como redator da Ilustrada, editor assistente da revista Leia, repórter e editor assistente de Zero Hora e como repórter de cultura do Diário do Sul. Além disso, Silva colaborou na Veja, IstoÉ, Folha da Manhã e participou de outros veículos da imprensa alternativa, como o periódico Movimento. Apresenta os livros ‘Tiques Taques’ (1985), ‘Impressão da Cultura’, (1990),

¹⁹Disponível em: <<https://artepensamento.com.br/autor/inima-f-simoes/>>

²⁰Disponível em <<http://objetosim.com.br/mostra-jairo-ferreira-cinema-de-invencao/>>

²¹Disponível em: <http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/rio_grade_sul/jose_antonio_silva.html>

‘Lá vem o que passou’ (1995) e ‘O nome do Fuinha’ (2003). Publicou a novela ‘Diabo Velho’, em 1998.

Jurandir Craveiro Jr²² (diretor - publicidade) é planejador de marca e comunicação. Fundou a agência NBS e o Grupo de Planejamento de São Paulo, onde atua como vice-presidente. É ex-presidente e atual consultor do Conselho Diretor do Instituto Socioambiental (ISA).

Paulo Caruso²³ (colaborador) é formado em arquitetura pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, porém segue carreira como cartunista, chargista e músico. Em 1960 inicia o trabalho como chargista no Diário Popular, e nos anos de 1970, colabora no Pasquim, grande marco da imprensa alternativa brasileira. Em 1981, cria a página humorística Bar Brasil na revista Careta, e sete anos depois, publica a coluna Avenida Brasil, na revista IstoÉ. Sua relação com a música fica mais explícita com a formação da banda ‘Muda Brasil Tancredo Jazz Band’, em 1985, e com o lançamento do disco ‘Pra seu Governo’, de 1998. Dentre seus livros publicados, os que mais ganham destaque são ‘As Origens do Capitão Bandeira’ (1983), ‘Ecos do Ipiranga’ (1984), ‘Bar Brasil’ (1985) e ‘São Paulo por Paulo Caruso - Um Olhar Bem-Humorado sobre esta Cidade’ (2004). Desde 1987, é cartunista no programa Roda Viva, na TV Cultura.

Relton Fracalossi²⁴ (editor de serviços/alto papos e agitos) se formou em Comunicação Social na ECA/USP em 1980. Em 1981, assina a edição de texto do livro ‘Uma Experiência democrática: o caso PUC/SP’ (editora Cortez). Antes da experiência no Lira, atuou no semanário nacional Em Tempo. Já é falecido.

Roberto Iutaka Sagawa²⁵ (editor de leitura) é formado em Psicologia pela PUC/SP, mestre em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas com o texto ‘Os inconscientes no divã da história’, e doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo, além de obter Livre Docência pela UNESP. Apresenta formação em psicanálise pela Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e é experiente na Psicologia, com destaque em Intervenção Terapêutica, com temas como saúde mental

²²Disponível em: <<http://jura.com.br/bio/>>

²³Disponível em: <<http://enciclopedia.itaacultural.org.br/pessoa23967/paulo-caruso>>

²⁴Disponível em: <<http://www3.eca.usp.br/category/tags/ex-alunos?page=178&order=iaecmxfux>>

²⁵Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/743918/roberto-yutaka-sagawa>>
<<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/279054>>

coletiva, psicanálise, psicoterapia psicanalítica e método psicanalítico. Atualmente é professor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Rubem A. Beltrão Jr²⁶ (editor de esportes) fez a análise de telenovelas brasileiras, como Roque Santeiro, em estudo publicado na revista *Desvios*, em 1986, da editora Paz e Terra, tendo participado da equipe editorial da publicação pelo menos desde 1983 (a revista foi criada em 1982). Foi assessor acadêmico do Informativo do Instituto de Estudos Avançados da USP, de 1989 a 1994. Além disso, foi presidente do Centro Alexandre Vannucchi Leme de Estudos de Juventude, criado em 1987.

Tânia Celidônio²⁷ (editora de serviço, rádio e restaurantes/rádio, comida, etc e tal, feiras e transas) foi repórter e editora nas Rádios Globo, Eldorado e TV Cultura, e atuou no *Jornal do Norte*, em Manaus, entre 1995-1996. Atuou como roteirista, editora e diretora de programas e produções em audiovisual de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Criou e produziu programas para TVs abertas e por assinatura. Apresenta o livro ‘Mistérios da Libido na Velhice’ e tem um blog sobre cinema.

Por fim, Xalberto²⁸ (colaborador) é autor de quadrinhos, cartunista e ilustrador. Desenhou na revista *Balão* e no *Suplemento de Quadrinhos da Folha de São Paulo*, em 1970. Trabalhou como roteirista para a Editora Abril, para a Rio Gráfica e Editora. Durante anos, colaborou com as revistas *Crás* e *Mad*. Entre suas publicações, estão ‘Quadrinhos de autor’, ‘Íncaro’ e ‘Paulistano da Glória’.

Considerações finais

A identificação e a sistematização da trajetória profissional dos 22 nomes presentes no núcleo fixo do *Lira Paulistana* (1981-1982) permite compreender a forma de se pautar cultura pelo jornal em articulação à manutenção de uma equipe com determinado perfil nas dinâmicas organizacionais do periódico alternativo e cultural – o que representa flertes e afastamentos para com a ideia de ‘patota’ (BRAGA, 1991), mas que caberia problematizar em outro momento. Outro debate possível a partir das indicações é a noção, de acordo com Traquina (2001), de que a produção dos materiais jornalísticos resulta de certa dinâmica interativa nos processos produtivos, visto que ““os

²⁶Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/download/36871/39593>>

²⁷Disponível em: <<https://amominhacidade.com.br/autor/tania-celidonio/>>

²⁸Disponível em: <<http://www.guiadosquadrinhos.com/artista/carlos-alberto-paes-de-oliveira-xalberto/1400>>

diversos agentes sociais exercem um papel ativo no processo de negociação constante” e cuja necessidade de prever a cobertura dos fatos se materializa em um conjunto de rotinas produtivas” (PEREIRA, 2009, p. 226).

Dentre a tribo principal do Lira, são sete as pessoas ligadas diretamente e de forma mais evidente com o jornalismo, pois são graduadas na área e trabalham nos veículos de acordo com seus respectivos interesses. Fica visível o contato do experimento Lira Paulistana com o circuito de jornais tradicionais e de relevância no período, como Folha de S. Paulo, Jornal do Brasil, as revistas Veja e IstoÉ, entre outras organizações. Em outras trajetórias, o ponto de contato se dá pela militância na imprensa alternativa. É o caso de José Antônio Silva e Paulo Caruso, dois integrantes do Lira e que antes de colaborarem no jornal, atuavam em veículos independentes da imprensa alternativa, que são ‘Movimento’ e ‘Pasquim’, respectivamente. Seus nomes, eventualmente, funcionam como uma espécie de ‘chancela’ para a então invenção do Lira nos estertores desse período da imprensa alternativa.

Com relação ao campo universitário, das 22 pessoas, apenas três que já atuavam nas áreas acadêmicas deram continuidade no ramo após o tabloide. Além do jornalismo e do meio acadêmico, há outros cinco campos artísticos que englobam os demais participantes e que correspondem ao cinema, teatro, fotografia, música e cartum.

Percebe-se também que a participação dos 22 nomes em todas as edições do Lira Paulistana foi significativa ao analisar os trabalhos posteriores do núcleo. Aqueles que atuavam na área do jornalismo estão presentes nos jornais e redações de expressividade da grande imprensa, em editorias que em geral expressam certa continuidade do trabalho no Lira. Os integrantes do núcleo que trabalhavam especificamente com a parte cultural, como o teatro, cinema, música, fotografia e cartuns, estão presentes nas produções de ações culturais e também contribuem com demais veículos jornalísticos.

O presente levantamento consegue perceber, ainda de modo inicial, regularidades e variações na equipe responsável pelas 12 edições do jornal Lira Paulistana (1981-1982) e suas respectivas funções. O periódico apresenta organograma com relativa complexidade e segmentação, mas também com ‘jogo’ entre funções, sobreposições e alguma maleabilidade. O empreendimento mistura assim, a tomar pelas informações do expediente, marca da cultura jornalística das organizações empresariais (a segmentações e a especificação de funções na redação) com dinâmicas da imprensa alternativa e das

iniciativas independentes (os editores de página em sintonia com um leque de colaboradores permanentes).

Percebe-se relação direta da equipe principal com a sustentação das editorias de resenha, agenda e crítica, seções escalonadas por dimensões da cultura paulistana e da produção cultural brasileira ou mesmo internacional. Da mesma forma, encontramos indicadores de trânsito por parte da equipe de redação entre espaços do jornal, dos subcampos culturais e do mundo universitário – em proximidade direta com universidades de São Paulo. Por fim, outra filiação, mais interna, nítida pelo levantamento, é a conexão de parte da equipe do jornal com a gestão do centro cultural Lira Paulistana, sobretudo a partir de expertise em áreas como jornalismo, produção musical e teatral – todas em contato pelo jornal.

REFERÊNCIAS:

BRAGA, José Luiz. **O Pasquim e os anos 70**: mais pra êba que pra ôba. Brasília: Editora UnB, 1991.

_____. ‘Lugar de fala’ como conceito metodológico no estudo de produtos culturais. In: ESTEVES, João Pissara (org.). **Mídias e processos socioculturais**. São Leopoldo: Unisinos, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Pagina Aberta, 1991.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação**: teoria e técnica do novo radiojornalismo. Florianópolis: Insular, 2007.

OLIVEIRA, Luiz Claudio Soares de. **Dalton Trevisan (en) contra o paranismo**. Curitiba: Travessa dos Editores, 2009.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2006.

PEREIRA, Fábio Henrique. O mundo dos jornalistas: aspectos teóricos e metodológicos. Intercom – **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo, v.32, n.2, p. 217-235, jul./dez. 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2013.

_____. **Teorias do Jornalismo**: a tribo jornalística, uma comunidade interpretativa transnacional.
v. 2. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **O mundo dos jornalistas**. São Paulo: Summus, 1993.